



MAIO 1999

*No Camboja devastado pela guerra,
uma jovem leva às crianças...*

A música da esperança

Por KAREN EMMONS

DE UM JARDIM no Camboja, ouve-se o canto suave de vozes infantis. Doze pequenos dançarinos movem-se com intensa concentração, os corpos rígidos, os dedos arqueados para trás. Outras cinco crianças tocam um ritmo delicado em tambores de couro de vaca e xilofones de bambu. Há uma jovem observando, atenta, os cabelos louros caindo sobre os ombros, enquanto acompanha o ritmo com a cabeça.

Terminada a dança, Catherine Geach coloca Kim Nga, 7 anos, no colo. Ele lhe entrega sua história favorita – *A Bela e a Fera* – e ela começa a ler. “Era uma vez, numa terra distante, um reino mágico...” e assim

Sozinho, Nunca Mais– Kim Nga, 7 anos, com Catherine Geach, em sua escola para crianças órfãs.

começa a história de uma jovem que encontrou a alegria onde menos podia esperar.

Os campos da morte. Catherine Geach tinha 3 anos quando ouviu a música. Sua mãe, escultora, pôs um concerto para violino, de Brahms, no toca-discos do estúdio perto de Londres. A menina ficou atônita diante da riqueza do som daquele instrumento cujo nome desconhecia. Queria fazer música como aquela.

Logo, Catherine começava a estudar violino. Seu talento era excepcional. Aos 5 anos já tinha tocado um solo em público. Aos 7, praticava duas horas por dia.

Mergulhada em sua música, a menina esquecia as dificuldades da vida familiar. Os pais eram divorciados e a situação financeira, apertada. Quando Catherine chegou à adolescência, a mãe, que tanto a encorajara em outros tempos, passou a sofrer de depressão profunda. Depois da escola, a adolescente voltava para o pequeno apartamento onde moravam e a ajudava nas tarefas domésticas, inclusive na cozinha. Mais tarde, sozinha no quarto, ela tirava o violino do estojo e praticava até cansar. A riqueza da música a ajudava a amenizar seu desespero.

Aos 16 anos, Catherine conseguiu uma vaga na prestigiosa Real Academia de Música, de Londres. Transitando de um lado para o outro de metrô e de ônibus, ela começou a ler artigos sobre os “campos da morte” do Camboja.

Ali, 13 anos antes, o Khmer Vermelho tomara o poder e assassinara mais de um milhão de homens, mulheres e crianças. Expulso, o Khmer Vermelho continuou a lutar. Em 1988, parecia que retomaria o poder.

O perigo tocou a jovem idealista profundamente. No decorrer do ano seguinte fez circular abaixo-assinados sobre a crise.

– Não estamos fazendo o bastante – protestava ela para os colegas da escola de música.

– Então por que você não pára de falar e toma uma atitude? – um deles a desafiou.

Provocada, Catherine tomou uma decisão: veria o Camboja com os próprios olhos. Assim as pessoas *teriam* de ouvi-la.

Construindo pontes. As nuvens cor de chumbo que anunciavam a chegada das monções pairavam sobre Ho Chi Minh City, a antiga Saigon vietnamita, enquanto uma adolescente esguia, trajando um longo vestido de estampa floral, abria caminho em meio a uma calçada apinhada de gente. Segurando o estojo do violino junto ao corpo, Catherine chegou ao consulado do Camboja, país vizinho do Vietnã, a oeste. Foi lá que as autoridades, em Londres, disseram que deveria ir para obter o visto.

Ali dentro, encontrou um único funcionário sentado a uma escrivaninha. Caminhando até ele, Catherine anunciou:



Um Novo Começo— Sim Sameth, vítima de mina terrestre, lutava pela própria sobrevivência nas ruas, mas agora estuda música e informática.

— Quero ir ao Camboja para tocar meu violino em nome da paz.

Dois dias depois, de posse de um visto de dois meses, Catherine, aos 18 anos, encontrava-se na capital cambojana de Phnom Penh.

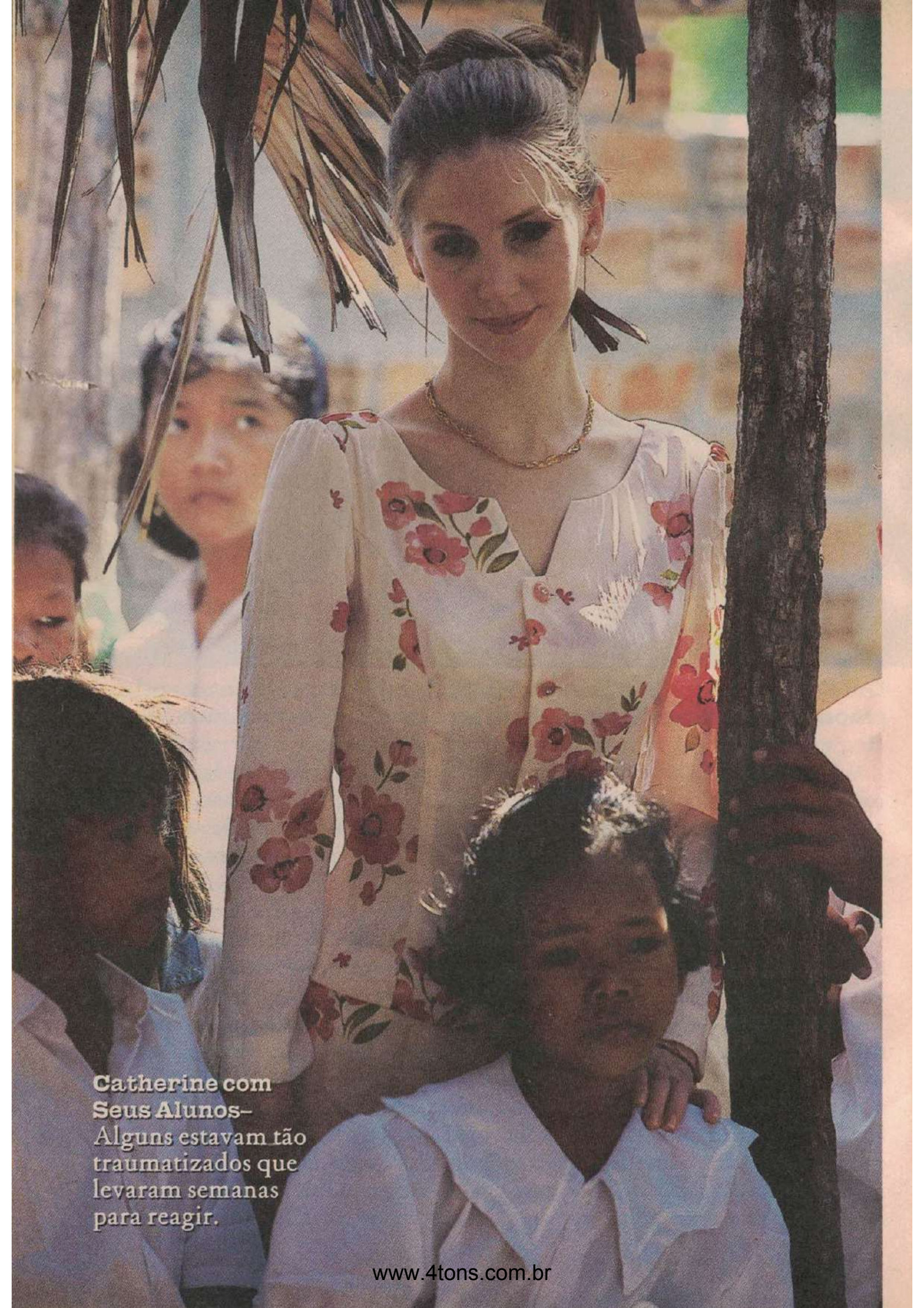
Hospedada num hotel decadente, ela começou a explorar as redondezas. A realidade da selvageria do Khmer Vermelho a atingiu com uma força quase física. Árvores cresciam dentro de solares abandonados; as casas exibiam marcas de balas. Nas ruas, livres de carros, podia sentir os fantasmas dos mortos.

Nos arredores da cidade, Catherine visitou zonas de guerra onde o

Khmer Vermelho ainda plantava minas terrestres. Visitou também orfanatos e hospitais de tal forma abarrotados que as pessoas se deitavam no chão. No notório campo da morte de Choung Ek havia um santuário construído com crânios.

Eram raros os ocidentais na capital e a jovem atraía olhares curiosos. Logo, a notícia da visita de uma violinista inglesa chegou aos ouvidos de Hun Sarin, chefe do departamento de música da universidade de belas-arts da cidade. Ao localizá-la, ele explicou a difícil situação da universidade.

— Pouquíssimos professores sobreviveram ao Khmer Vermelho —



**Catherine com
Seus Alunos-**
Alguns estavam tão
traumatizados que
levaram semanas
para reagir.

disse ele. – Você pode ajudar?

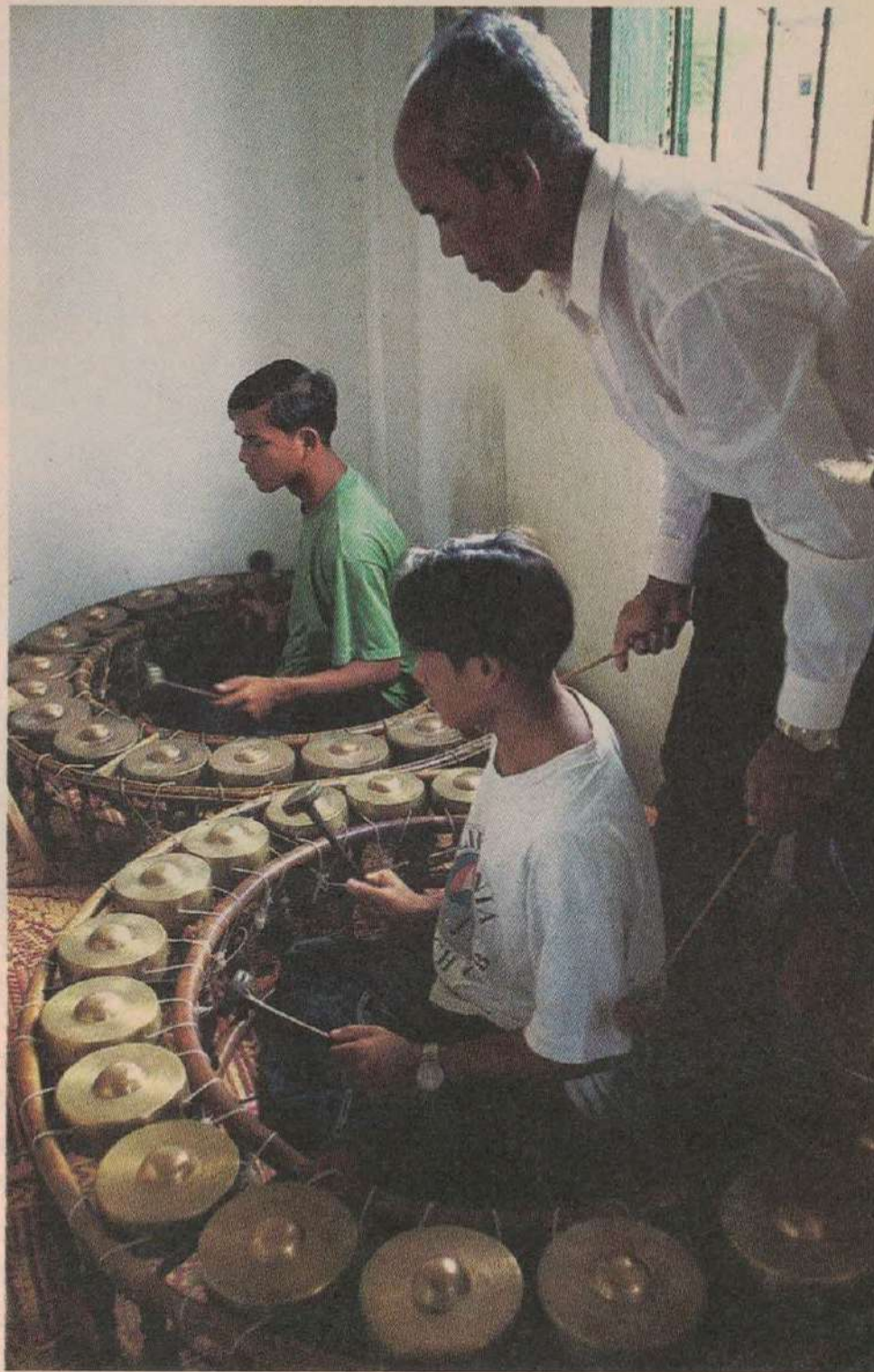
Catherine agarrou a oportunidade e passou o resto de sua estada lecionando na universidade. Certo domingo, estudantes amigos de Catherine esconderam-lhe os longos cabelos louros com um lenço – para que não chamasse a atenção do Khmer Vermelho – e levaram-na de moto para conhecer suas casas, distantes da cidade. Lá, comeram frango com *curry*, riram muito e conversaram noite adentro.

Antes de partir, como forma de agradecimento, Catherine deu um recital. Encheu o salão com Bach e Mozart, a música que a amparara durante os dias solitários.

No final, uma estudante a presenteou com um buquê de flores tropicais. Emocionada, Catherine beijou-lhe o rosto, um gesto de agradecimento desconhecido no Camboja. A platéia aplaudiu.

Ao partir de volta para a Inglaterra, estava decidida: algum dia, ela voltaria.

Música antiga. De volta a Londres, Catherine começou a estudar *khmer*, a língua do Camboja. Uma



Lição Magistral– Meas Saem ensina os alunos a tocarem ‘gong vong’.

tarde, foi a um festival cambojano. Enquanto provava pratos picantes, um grupo de músicos começou a tocar. O som era uma algazarra de tambores, xilofones e instrumentos de corda.



Harmonia ao Ar Livre— Sim Sameth, em primeiro plano, toca 'takhe', tradicional instrumento de cordas, num concerto escolar em Kampot.

Catherine jamais ouvira algo parecido. A música tradicional cambodjana — assim como quem a tocava — havia sido praticamente erradicada pelo Khmer Vermelho. Ela começou a aprender a tocar um instrumento parecido com o violino, o *tro sau*. A saudade do Camboja foi crescendo à medida que ia dominando a música antiga.

Na primavera de 1991, aos 19 anos, formou-se pela Real Academia. Então, voltou para o Camboja.

Em Phnom Penh, ofereceu-se para lecionar num programa de terapia musical para feridos na guerra. Um

dos alunos, agricultor que perdera a visão na explosão de uma mina terrestre, era uma pessoa particularmente amarga. Mas Catherine notou que, após tocar o *tro sau* por vários meses, a raiva dele pareceu diminuir.

Ela estava procurando uma forma de ajudar a aliviar o sofrimento que via. Agora tinha a resposta: fundaria uma escola dedicada à música antiga que o Khmer Vermelho tentara destruir. Seus alunos seriam crianças deficientes ou órfãs.

Decidiu estabelecer a escola em Kampot, cidadezinha onde os programas assistenciais estrangeiros

raramente chegavam. Lá apresentou o projeto da escola para as autoridades e pediu um local para construí-la.

– *Você sabe cantar?* – perguntou-lhe um deles, duvidando que a estrangeira franzina conhecesse a música de seu país.

Diante das autoridades perplexas, Catherine entoou *Om Toooh*, uma canção muito antiga sobre a colheita de flores. Ela obteve a permissão.

Crianças indesejadas. Com um terreno de 4 mil metros quadrados, Catherine começou a angariar fundos para erguer uma escola modesta, com alojamentos para os alunos morarem, estudarem e brincarem. Em fevereiro de 1994, começou a construção da Escola de Música Tradicional de Kampot para Crianças Órfãs e Deficientes.

Nas idas e vindas dos vilarejos para recrutar alunos, Catherine soube de mais ataques e matanças praticadas pelas guerrilhas do Khmer Vermelho. Por ser estrangeira e chamar a atenção, sabia que era especialmente vulnerável. Ainda assim, prosseguia seu trabalho. Se as crianças podiam viver com o perigo, decidiu, ela também podia.

A emoção era tanta que Catherine mal conseguia amarrar os mosquiteiros rosa e verde sobre as camas do alojamento. Naquele dia de agosto de 1994, chegariam as primeiras crianças.

Vieram apenas com as esfarrapadas roupas do corpo. Depois do jan-

tar, a jovem as ajudou a preparar-se para dormir. No banheiro, arregalaram os olhos. Nenhuma delas jamais vira uma escova de dentes.

– *Olhem!* – disse Catherine, escovando os dentes. – *É assim!*

Uma a uma, começaram a imitá-la. Pela manhã, ela e a pequena equipe de professores cambojanos passaram a trabalhar com as crianças. Algumas estavam tão traumatizadas que foram necessárias semanas para suscitar alguma reação. Diev Kunthea, 5 anos, vítima de poliomielite, tinha sido abandonada pelos pais. Os avós que a acolheram a chamavam de *me kwuan* – aleijada. Raramente lhe dirigiam a palavra e a menina vivia imunda.

Na escola, tomava a mão de Catherine, agarrando-se a ela sem pronunciar uma só palavra. Como era pequena demais para tocar um instrumento, a garotinha começou a aprender a ler, escrever e cantar.

Aos poucos a menina foi se abrindo. Um dia, encostou a cabeça na barriga de Catherine.

– *Khnhom srolanh neak na* – disse ela. “Amo muito você.”

– Também amo você – replicou Catherine, ternamente.

Enquanto todos se adaptavam, a luta entre o Khmer Vermelho e o governo eclodiu perto dali. Bombas riscavam o céu sobre a cidade. Ao som tão conhecido da artilharia, as crianças instintivamente se agachavam. E, em meio a tudo aquilo, as aulas continuavam. Instrumento por instrumento, os professores iam

apresentando às crianças sua herança musical. Ao *takhe* de três cordas, no formato de um crocodilo. Ao *roneat thong*, um xilofone de bambu, e ao imenso *gong vong*, um elaborado gongo de cobre.

Logo a escola ecoava com os sons da antiga e sagrada música Pin Peat. Enquanto aprendiam a dominar os belos ritmos, até mesmo as crianças mais quietas pareciam esquecer as tristezas.

O mais doce dos sons. Sim Sameth, 14 anos, espiou o pátio da escola. Crianças, algumas delas de muletas, tocavam. Outras batiam tambores ou xilofones. Como aquilo poderia ajudá-lo?

Dois anos antes, Sameth perdera as pernas na explosão de uma mina. Desde então sobrevivia percorrendo o estacionamento de um bar numa cadeira de rodas tosca, de madeira, tomando conta dos carros enquanto os donos dançavam lá dentro.

Ele se aproximou de Catherine, que lhe fitou os olhos fundos, medindo sua determinação. *Ela o ajudaria.*

O garoto passou semanas sentado, quieto como uma rocha, observando os outros. Catherine decidiu testá-lo com o instrumento do qual mais gostava, o *tro sau*, que lembrava um violino. Pacientemente, posicionou as mãos dele para que tocasse o elegante instrumento com o longo braço.

– É assim – disse ela.

Ao fechar os dedos delgados sobre a mão esquerda do menino, a jovem sentiu seu nervosismo.

– Não se preocupe – tranquilizou-o. – Isto vai ser bom para o seu futuro.

Colocando um arco na mão direita dele, mostrou-lhe como deslizá-lo sobre a corda. O instrumento produziu um horrível ganido. Ele tentou mais uma vez, e outra ainda. De repente uma nota clara, doce, vibrou dentro da sala.

Como Catherine, tantos anos antes, Sim Sameth ficou paralisado. Queria fazer música como aquela.

O garoto aprendeu rapidamente. Um dia, ao passar pela sala de música, Catherine ficou observando Sim Sameth e um grupo de colegas enquanto ensaiavam a música Pin Peat. Eles, então, tocaram *Sat Mahouri*, canção tradicional sobre dois pássaros perseguidos por um caçador. Outros animais da floresta unem-se para salvá-los. Trata-se de uma grande batalha entre o bem e o mal.

Catherine sentiu o coração leve. A música que um dia fora silenciada no Camboja jorrava ali, agora – e uma nova geração a mantinha viva. Seus pássaros haviam sido feridos. Mas juntos, com a música, eles sobreviveriam.

Em 1998 Catherine organizou um concerto para que sete alunos, incluindo Sim Sameth, levassem a música do Camboja à Europa. A turnê carregava uma mensagem simples: "Em memória de todos os artistas que morreram sob o domínio do Khmer Vermelho. E para as crianças de hoje que carregam a herança de seus ancestrais."
